

15. Fez-se carne para habitar entre nós

Cristo se fez homem, veio ao mundo para permitir ao homem ter familiaridade com Deus.

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós contemplamos sua glória, glória como do Filho unigênito que procede do Pai, cheio de graça e verdade.” (Jo 1,14)

João parece retomar o testemunho de Estêvão que vê a glória de Cristo que está sentado à direita do Pai. Mas para permitir-nos contemplar sua glória, o Verbo se fez carne e veio habitar entre nós. Fez-se homem e homem que habita conosco, que se põe em uma posição de familiaridade conosco.

No seu primeiro encontro com Jesus, João parece querer ilustrar este anúncio do Prólogo de seu Evangelho, porque descreve como, após a pergunta de Jesus: “O que buscais?”, ele e André respondem: “Mestre onde moras?” (cf. Jo 1,38). Perceberam que Ele era o Verbo de Deus que veio habitar entre nós? Intuíram que Ele estava presente exatamente para isso, para que o homem fosse ver onde morava e estivesse com Ele todo o dia?

Foi portanto naquele dia que os discípulos descobriram o fascínio de uma possibilidade de familiaridade com Deus em Cristo que depois aprofundaram sempre mais, por toda a vida, reconhecendo aí a plenitude de sua vida e a plenitude para todos, a ser anunciada e transmitida a todos, como São João o exprime explicita e definitivamente no início de sua primeira carta:

“O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos próprios olhos, o que contemplamos e que nossas mãos tocaram do Verbo da vida – porque a Vida manifestou-se: nós a vimos e lhe damos testemunho e vos anunciamos esta Vida eterna, que estava voltada para o Pai e nos apareceu – o que vimos e ouvimos nós vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo. E isto vos escrevemos para que nossa alegria seja completa.” (1 Jo 1,1-4)

Deveríamos meditar todo o Evangelho e deixar que a Igreja nos ajude essencialmente para viver isto, a familiaridade com o mistério de Cristo como a viveu e testemunhou São João, em nome de todos os apóstolos. Porque só isto nos enche de alegria, de uma alegria que é “nossa”, a alegria que se pode experimentar na comunhão com aqueles que vivem em comunhão com o Pai e o Filho em virtude do encontro com Jesus, do encontro que iniciou uma familiaridade com Ele e com o Pai absolutamente cotidiana, até física (“o que nossas mãos tocaram do Verbo da vida”), mas extraordinária, porque familiaridade com Deus, Pai, Filho e Espírito Santo.

São Paulo recorda aos Efésios a mesma consciência do mistério extraordinário que se fez familiar: “Já não sois mais estrangeiros nem hóspedes, mas concidadãos dos santos e familiares de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo como pedra angular o próprio Cristo Jesus. Nele toda construção cresce bem ordenada para ser templo santo no Senhor; nele também sois coedificados para serdes habitação de Deus, por meio do Espírito Santo.” (Ef 2,19-22)

A expressão “familiares de Deus – *“oikeioi tou Theou”* em grego dá a ideia da codivisão da casa, de ser aqueles que habitam na mesma casa com Deus, que são “de casa” na casa de Deus. É pois algo mais íntimo que ser “concidadãos dos santos”, onde o termo (*sympolites*) significa compartilhar a cidade, a *polis*, portanto uma relação muito menos íntima que a de ser “familiares”.

Mas o que é interessante nesta passagem de São Paulo é que a casa na qual somos familiares de Deus *somos nós mesmos*. Deus nos edifica para ser morada na qual Ele nos é familiar. Edifica-nos edificando a comunidade cristã, construída “sobre o fundamento dos apóstolos e profetas” e que tem “como pedra angular o próprio Cristo Jesus”. E cada um de nós é edificado juntamente com os outros “para serdes uma habitação de Deus por meio do Espírito Santo”. Tudo isto pode ser resumido na consciência de que cada um de nós é chamado à familiaridade com Deus, mas esta familiaridade pessoal só pode amadurecer na familiaridade da Igreja. Tornamo-nos pessoalmente habitação de Deus, templo de Deus, na medida em que participamos na edificação da Igreja, deixando-nos edificar nela.

Mas uma coisa é certa: todo o “canteiro de obras”, pessoal ou comunitário, tem um só escopo, um escopo comum: viver a familiaridade com Deus, a comunhão com Deus, ser Seus amigos.

São Paulo, na segunda carta aos Coríntios, retoma várias vezes este tema, mas com relação a nossa ressurreição depois da morte. Escreve: “Sabemos que, quando for destruída nossa morada terrena, que é como uma tenda, receberemos de Deus uma habitação, uma morada não construída por mãos de homem, eterna nos céus. Por isso, nesta condição, gememos e desejamos revestir-nos de nossa habitação celeste (...). E quem nos dispôs a isso foi Deus que nos deu o penhor do Espírito.” (2 Co 5,1-2.5)

Deus nos criou precisamente para ser revestidos de nossa “habitação celeste”, isto é, para sermos nós mesmos habitação de Deus como agora começamos a sê-lo, na medida em que o Espírito habita em nós. A ressurreição depois da morte, mesmo a ressurreição de nossos corpos, significa, no fundo, que a familiaridade com Deus nos definirá totalmente, que todo nosso ser será comunhão com Deus. Paulo tem urgência de viver isto: “Estamos cheios de confiança e preferimos deixar a mansão deste corpo para ir morar junto do Senhor.” (2Co 5,8)

Em suma, quando nos encontrarmos no Céu, não nos reconheceremos mais tanto pelo rosto, pelo nome, por aquilo que somos agora, mas nos reconheceremos como familiares de Deus, como aquele ou aquela que habita com Deus e em quem e com quem Deus habita. Isto não cancelará nossa identidade, antes vai torná-la ainda mais particular, única, impossível de ser repetida. E isto nos fará viver uma comunhão profundíssima, sem distanciamentos e estranhezas, porque será o único Deus em três Pessoas que será familiar a cada um e a todos. Deus será “tudo em todos” e assim seremos totalmente unidos Nele, precisamente pelo fato que habitará todo em cada um (cf. Cl 3,11; Ef 4,6).